

Edição v. 43
número 2 / 2024

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 43(2)
mai/2024-ago/2024

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

TEMÁTICA LIVRE

Estado da arte sobre jornalismo de soluções: definições, percepções e críticas

Solutions journalism: definitions, insights and criticism

CAMILA FARIAS

Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Salvador, Bahia, Brasil.
E-mail: camilagabriellee03@gmail.com
ORCID: orcid.org/0009-0006-2530-9946

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados do estado da arte sobre o jornalismo de soluções no mundo. Selecionamos artigos de revistas acadêmicas a partir da qualificação da Capes, entre 2018 e 2023, com os termos *jornalismo de soluções* ou *solutions journalism* no título, resumo ou nas palavras-chaves. Foram localizados 44 artigos, sendo 42 em língua inglesa. O principal conceito trabalhado diz respeito ao jornalismo de soluções como uma ramificação do jornalismo construtivo, que se apropria de técnicas da psicologia positiva (Seligam, 2000). Apesar disso, existem lacunas no entendimento, já que outros autores trabalham com percepções diferentes. O questionamento apresentado neste artigo é se inserir soluções deveria ser preponderantemente uma ação pensando no bem-estar social, ou se deveríamos refletir a inserção de soluções a partir da prática jornalística.

Palavras-chaves

Jornalismo de soluções; Jornalismo construtivo; Estado da arte; Revisão de literatura.

Abstract

The objective of this article is to present state-of-the-art results on solutions journalism in the world. We selected articles from academic journals based on Capes qualification, between 2018 and 2023, with the term solutions journalism in the title, summary or keywords. 44 articles were located, 42 of which were in English. The main concept worked concerns solutions journalism as a branch of constructive journalism, which appropriates techniques from positive psychology (Seligam, 2000). Despite this, there are gaps in understanding, as other authors work with different perceptions. The question presented in this article is whether inserting solutions should be predominantly an action thinking about "social well-being", or whether we should reflect the insertion of solutions based on journalistic practice.

Keywords

Solutions journalism; Constructive journalism; State of the art; Literature review.

Introdução

A conceituação acerca do jornalismo de soluções não é uma tarefa fácil, sobretudo, dentro da área acadêmica. Alguns pesquisadores que se identificam com o assunto apresentam uma tentativa de apresentar e operacionalizar o conceito. De forma prática, o conceito é trabalhado, desde 2013, pela Rede de Jornalismo de Soluções norte-americana, a *Solutions Journalism Network* (SJN), a qual entende que “o jornalismo de soluções investiga e explica, de forma crítica e clara, como as pessoas tentam resolver problemas amplamente partilhados” (*Solutions Journalism Network*, 2013, tradução nossa).¹

Já do ponto de vista acadêmico, o conceito mais citado até o momento relaciona o jornalismo de soluções como uma das ramificações do jornalismo construtivo (McIntyre, 2015; Gyldend, 2017). Na tentativa de compreender o que vem sendo discutido nos últimos seis anos sobre o tema, realizamos o estado da arte. Para isso, selecionamos artigos científicos (2018-2023), com os termos *jornalismo de soluções* ou *solutions journalism* no título, resumo ou nas palavras-chaves, nas revistas mais conceituadas internacionalmente e nacionalmente no jornalismo (*Journalism Studies* (A1), *Journalism Practice*(A1), *Digital Journalism*(A1), dentre outras, localizadas no site da Sage Journals e na Taylor). Tratando-se de Brasil, fizemos a investigação nos periódicos da Capes, assim como das revistas com classificação qualis de A1 a A4 (por exemplo, Matrizes (A1), Linguagem em (dis)curso (A1), FAMECOS (A2), E-Compós (A2), Intercom (A2), Observatório (A2), Comunicação, Mídia e Consumo (A3), Comunicação e Sociedade (A3), Contracampo (A3), Galáxia (A3)). Essa definição foi alinhada com o grupo de pesquisa Njor, do qual a autora faz parte. Para tornar este estado da arte mais completo, mais duas bases de dados foram consultadas: *Scopus* e *Scielo*.

Neste levantamento, que durou em torno de seis meses, foram localizados 44 artigos e os resultados mostraram que somente dois eram de autores brasileiros e os outros estavam disponíveis em língua inglesa. Os autores estão distribuídos, sobretudo, em universidades norte-americanas, europeias e da Oceania. Um quarto (1/4) dos artigos da literatura mundial é de um único autor: Karen McIntyre. A professora é referência bibliográfica em 75% dos artigos da literatura estrangeira.

O principal conceito trabalhado é a relação entre jornalismo construtivo, que deriva da psicologia positiva, e a proposta de soluções nas coberturas jornalísticas. Apesar disso, existem lacunas no entendimento, já que outros autores trabalham com percepções diferentes, tratando os termos como sinônimos ou nem citando o aspecto do jornalismo construtivo.

Jornalismo de soluções: breve histórico e conceito

Apesar do jornalismo de soluções ter ganhado atenção, sobretudo, nos últimos 10 anos, o tema não começou a ser tratado recentemente. Em 1998, Benesch documentou a ascensão do jornalismo de soluções em um artigo publicado na *Columbia Journalism Review*, no qual, a autora descreve a ação como “reportar sobre esforços que parecem ter sucesso na resolução de problemas sociais específicos” (p. 37).

Embora não haja um marco histórico específico para o surgimento do termo *jornalismo de soluções*, em 2013, nos Estados Unidos, surge a *Solutions Journalism Network* (SNJ), criada pelos jornalistas David Bornstein, Tina Rosenberg e Courtney Martin. Ainda, a Rede explica que,

Embora os jornalistas normalmente definam as notícias como “o que correu mal”, o jornalismo de soluções tenta expandir essa definição: as respostas aos problemas também são dignas de notícia. Ao adicionar uma cobertura rigorosa das soluções, os jornalistas podem contar toda a história (*Solutions Journalism Network*, 2013,

¹ No original: “*Solutions journalism investigates and explains, in a critical and clear-eyed way, how people try to solve widely shared problems*”.

tradução nossa).²

A SNJ buscou trazer quatro características para esse tipo de cobertura, que envolvem a apresentação da resposta a um problema e sua implementação, evidências da resposta, *insights* para as pessoas e limitações na inserção da resposta. Do ponto de vista acadêmico, a primeira tese que abordou o jornalismo de soluções é a de Karen McIntyre (2015), da *Virginia Commonwealth University*, em seu trabalho *“Constructive Journalism: The effects of positive emotions and solution information in news stories”*, na qual a autora busca avançar no entendimento acerca do impacto do jornalismo no bem-estar psicológico, a partir do conceito de jornalismo construtivo, que foi cunhado por Cathrine Gyldestend (2011; 2015).

McIntyre (2015) entende que essa é uma forma emergente do jornalismo, a qual aplica técnicas da psicologia positiva, com a finalidade de criar reportagens que sejam mais envolventes e comprometidas com as principais funções do jornalismo. A Psicologia Positiva surge no final do século XX (1997/1998), com o professor e pesquisador Martin Seligman. Para ele, essa seria uma ciência da experiência subjetiva positiva, dos traços individuais positivos e das instituições positivas, que prometiam melhorar a qualidade de vida, prevenir as patologias e agregar

bem-estar, contentamento e satisfação (no passado); esperança e otimismo (para o futuro); e fluxo e felicidade (no presente). No nível individual, trata-se de traços individuais positivos: capacidade de amor e vocação, coragem, habilidade interpessoal, sensibilidade estética, perseverança, perdão, originalidade, mentalidade futura, espiritualidade, alto talento e sabedoria. No grupo, trata-se das virtudes cívicas e das instituições que movem os indivíduos em direção a uma melhor cidadania: responsabilidade, nutrição, altruísmo, civilidade, moderação, tolerância e ética de trabalho (Seligman e Csikszentmihalyi, 2000, p.5).³

Cathrine Gyldestend, que teorizou o jornalismo construtivo, apontou que ele deveria aplicar técnicas da psicologia positiva, já que, para a autora, o campo da psicologia positiva foi construído com base no reconhecimento de que os psicólogos tradicionalmente se concentram no tratamento de doenças mentais, sem se atentar a outros aspectos ligados ao bem-estar. Dessa forma, Gyldestend aponta que

o objetivo da psicologia positiva é estudar, medir e aplicar as condições que permitem que os indivíduos, as comunidades e as sociedades prosperem (Seligman, 2011), e este objetivo está alinhado com o objetivo final do jornalismo construtivo – melhorar o bem-estar individual e social aplicando táticas de psicologia positiva ao trabalho jornalístico” (McIntyre e Gyldestend, 2017, p.23).⁴

Diante disso, elas explicam algumas técnicas da psicologia positiva que deveriam ser aplicadas no jornalismo construtivo: a primeira delas é considerar o modelo de bem-estar do mundo, evocar emoções positivas nas notícias, incluir emoções positivas, envolvimento e bom relacionamento, usar diferentes técnicas de entrevista e por fim, focar em soluções nas reportagens.

2 No original: *“While journalists usually define news as “what’s gone wrong,” solutions journalism tries to expand that definition: Responses to problems are also newsworthy. By adding rigorous coverage of solutions, journalists can tell the whole story”*.

3 No original: *“well-being, contentment, and satisfaction (in the past); hope and optimism (for the future); and flow and happiness (in the present). At the individual level, it is about positive individual traits: the capacity for love and vocation, courage, interpersonal skill, aesthetic sensibility, perseverance, forgiveness, originality, future mindedness, spirituality, high talent, and wisdom. At the group level, it is about the civic virtues and the institutions that move individuals toward better citizenship: responsibility, nurturance, altruism, civility, moderation, tolerance, and work ethic”*.

4 No original: *“The goal of positive psychology is to study, measure, and apply the conditions that allow individuals, communities, and societies to thrive (Seligman, 2011), and this goal is in line with the ultimate goal of constructive journalism – to improve individual and societal well-being by applying positive psychology tactics to news work”*.

Na tentativa de consolidar o conceito academicamente, em 2017, o artigo *“View of Constructive Journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production”* (McIntyre e Gyldensted, 2017) aponta que o jornalismo de soluções é uma especialidade do jornalismo construtivo, ou seja, uma de suas ramificações, tendo a finalidade de relatar de forma rigorosa como as pessoas respondem aos problemas sociais e se mantendo fiel às funções do jornalismo. Dessa forma, as autoras defendem o conceito do jornalismo de soluções, a partir do jornalismo construtivo. Mas, essa não é a única definição ou entendimento sobre o conceito.

Bro (2018), professor dinamarquês da University of Southern Denmark (SDU) entende que existem alguns problemas ligados ao conceito, sua autoria, definição e isso pode trazer problemas como enfraquecer o movimento, o que ocorreu com algumas formas de pesquisa vinculadas ao jornalismo e que posteriormente, perderam força.

Por exemplo, Bro (2018) apresenta dois pontos de vista a partir de dois autores que defendem a inserção de soluções nas coberturas jornalísticas: Cathrine Gydensted (2015) e Ulrik Haagerup (2014), ambos dinamarqueses. Enquanto Gyldensted (2011) é mais propensa a focar nos efeitos do jornalismo em seus trabalhos, Haagerup (2014) concentra-se no que afeta os próprios jornalistas. Gyldensted (2011) está mais ligada aos aspectos da psicologia positiva, enquanto Haagerup se relaciona às práticas realizadas no jornalismo e como isso impacta a produção diária.

Em 2016, foi escrito o primeiro artigo revisado por pares acerca dessa temática, que se concentrou na implementação da prática voltada para soluções em cursos universitários (Thier, 2016). Ainda em 2016, Andrea Wenzel, Daniela Gerson e Evelyn Moreno, integrantes do Tow Center for Digital Journalism na Graduate School of Journalism of Columbia, publicaram uma pesquisa que utilizou como método a escolha de grupo focal e define jornalismo de soluções a partir de uma ação que explora respostas a problemas sociais sistêmicos, por meio de uma investigação crítica (Wenzel et al., 2016).

No Brasil, o termo tem sido apresentado por instituições como a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), assim como em alguns veículos de imprensa, como é o caso da BBC Brasil, no programa *“Cidades e soluções”*, iniciativas do grupo RBS, afiliado à Rede Globo no Rio Grande do Sul e, principalmente, em veículos de mídia independente, como o Amazônia Vox e a Agência Eco Nordeste. Em termos acadêmicos, localizamos a única dissertação de mestrado brasileira no Banco de dissertações e teses da Capes sobre o tema - *“A pauta da seca na Tv Sergipe: uma análise da cobertura jornalística à luz do jornalismo de soluções”* (Farias, 2022), defendida na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Apesar dessas definições, o termo jornalismo de soluções não está consolidado com base em um único conceito, já que existem autores que não fazem a diferenciação entre jornalismo de soluções e construtivo e outros que associam os termos (Aitamurto; Varma, 2018; McIntyre e Gyldensted, 2017, 2018). É possível visualizar o foco em soluções como uma das estratégias que serão apropriadas pelo jornalismo construtivo, o que, segundo as autoras (McIntyre e Gyldensted, 2017), traz uma aproximação. Porém, ao verificar as outras características, há particularidades presentes no jornalismo construtivo, o que não permitiria tratá-lo como sinônimo do jornalismo de soluções. Apesar disso, esse estado da arte revelou que alguns autores consideram os termos como sinônimos e partimos da hipótese de que isso ocorre não só pela pouca discussão conceitual dos termos, mas também pela apropriação e preferência de usos na Europa (jornalismo construtivo) e Estados Unidos (jornalismo de soluções).

Metodologia

Por meio do estado da arte, foi realizado um levantamento de bibliografia sobre o tema. As pesquisas ligadas ao estado da arte

parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (Ferreira, 2002, p.258).

Ou seja, esse método consiste em um levantamento de bibliografia acerca de um determinado tema e apresenta a finalidade de demonstrar um parâmetro de como essa literatura vem sendo trabalhada por outros autores. Metodologicamente, foram selecionados artigos dos últimos seis anos (2018-2023), com a finalidade de localizar bibliografia que tratasse o assunto de forma mais recente.

Para localizar, utilizamos o termo *jornalismo de soluções ou solutions journalism* no título, palavras-chaves ou resumo das revistas brasileiras e internacionais de jornalismo, com classificação A1-A4. São elas: *Journalism Practice* (A2), *Digital Journalism* (A1), *European Journal of Communication* (A1), *Journalism* (A2), *Journalism Studies* (A2), *African Journalism Studies* (A1) e *Brazilian Journalism Research* (A2), localizados no site da *Taylor e Francis British Journalism Review*, assim como no *Sage Journals*.

No cenário brasileiro, fizemos a investigação nos periódicos da Capes, assim como em revistas brasileiras com qualis de A1-A4. São elas: *Matrizes* (A1), *Linguagem em (dis)curso* (A1), *Famecos* (A2), *E-Compós* (A2), *Intercom* (A2), *Observatório* (A2), *Comunicação, Mídia e Consumo* (A3), *Comunicação e Sociedade* (A3), *Contracampo* (A3), *Galáxia* (A3), *Eco-pós* (A3), *Estudos em jornalismo e mídia* (A3), *Intexto* (A3), *Lumina* (A4), *Contemporânea* (A4) e *Logos* (A4).

Neste levantamento, foram encontrados 32 artigos, sendo 30 em língua inglesa e dois em língua portuguesa. Realizamos também a investigação em duas bases de dados respeitadas academicamente: *Scopus* e *Scielo*. Nelas, foi possível localizar 12 artigos que ainda não tinham sido lidos nas revistas citadas acima. Eles estavam localizados nas seguintes revistas: *New media and society*, *Online Journal of Communication and Media Technologies*, *Newspaper research journal*, *The Routledge Companion to Media and Poverty*, *Journalism and media*, *Visual communication*, *Journalism and mass communication educator*, *International Journal of Communication*, *Afrika Focus*, *Revista poetics* e *The International Journal of Press/Politic*.

Tabela 1 – Artigos localizados no levantamento (2018-2023)

Ano	Quantidade	Percentual
2018	08	18,1%
2019	11	25%
2020	04	9,09%
2021	10	22,7%
2022	07	15,9%
2023	04	9,09%

Fonte: Produzido pela autora

Resultados

Durante o levantamento de bibliografia, levando em conta os anos de 2018 a 2023, assim como as revistas com classificação A1-A4 e as bases de dados já discutidas, foram localizados 44 artigos, sendo que, desse total, somente dois eram de autores brasileiros e estavam localizados na Revista *Brazilian Journalism Research* (SBPJor) e na Revista *Eco-Pós*. O restante do material (42 artigos) estava disponível em língua inglesa, distribuídos de forma predominante nas revistas *Journalism Practice* (9), *Journalism Studies* (6), *Journalism* (6) e *Journalism and media* (2).

Geolocalização das discussões

O primeiro ponto de investigação diz respeito à nacionalidade das universidades vinculadas aos autores, já que existe a ideia de compreender em quais locais do mundo o tema tem sido discutido com mais frequência. Dos 44 artigos, 26 (ou 59,09%) tinham pelo menos um autor ligado à universidade norte-americana.

Tabela 2 - Artigos por localização (2018-2022)

País	Quantidade
Estados Unidos	26
Reino Unido	05
França	01
Itália	01
Finlândia	01
Alemanha	01
Bélgica	01
Dinamarca	01
África do Sul	02
Brasil	02
Holanda	01
Austrália	06
Chipre	01
Emirados Árabes	01

Fonte: Produzido pela autora

Outros 12 artigos, pouco mais de $\frac{1}{3}$ do total, tinham pelo menos um autor vinculado à universidade europeia. O possível motivo das pesquisas estarem ligadas aos Estados Unidos e a Europa pode se dar pelo fato de que a *Solutions Journalism Network* é norte-americana e o *Constructive Institute*, fundado em 2017 por Ulrik Haagerup, está vinculado à Universidade de Aarhus, na Dinamarca. Ou seja, existe ampla influência norte-americana e europeia no pensamento ligado ao jornalismo de soluções. Apesar disso, vale a pena ressaltar o destaque para a Oceania, representada pela Austrália, que estava fora do eixo EUA-Europa e contou com 06 artigos localizados neste estado da arte.

Autores com maior produção e relevância acadêmica

Um dos objetivos deste estado da arte foi identificar autores relevantes no aspecto da produção acadêmica. Foi possível perceber a presença considerável de artigos da Karen McIntyre. Por exemplo, dos 44 artigos analisados, 10 eram de sua autoria, ou seja, praticamente $\frac{1}{4}$ da literatura localizada. É válido ressaltar que dos 10 artigos, oito foram escritos em parceria com outros pesquisadores, inclusive, vinculados a universidades fora dos Estados Unidos. Ela foi a primeira a tentar conceituar o jornalismo de soluções por meio de tese (Mcintyre, 2015) e acredita que é uma das ramificações do jornalismo construtivo (Mcintyre e Gyldestend, 2017).

Tabela 3 – Artigos localizados no levantamento (2018-2023)

Autor	Quantidade
Karen McIntyre (EUA)	10
Kyser Lough (EUA)	07
Nicole Smith Dahmen (EUA)	05
Kathryn Thier (EUA)	04
Andrea Wenzel (EUA)	02
Natasha van Antwerpen (AU)	02

Fonte: Produzido pela autora

A autora Karen McIntyre e Kyser Lough têm cinco artigos escritos em parceria, seja na tentativa de sistematizar e operacionalizar o conceito, ou até mesmo, para a análise dos efeitos do jornalismo de soluções nas emoções de um determinado grupo. Neste aspecto, pela ausência de uma definição *universal* sobre o tema, é interessante apontar o artigo “Toward a clearer conceptualization and operationalization of solutions journalism” (McIntyre e Lough, 2019), que representa uma tentativa de operacionalização do conceito.

Por meio de entrevistas em profundidade, jornalistas familiarizados com as soluções oferecidas pelo jornalismo trouxeram insights sobre como definir e medir a prática. Esses insights reforçaram as normas jornalísticas tradicionais, ao mesmo tempo em que definem a prática distinta de soluções - reportagens orientadas e aplicadas às normas de como elas são realizadas na prática. Os jornalistas disseram que as histórias orientadas para a solução contribuem para uma análise mais precisa e equilibrada (2019, p.12).⁵

O artigo aponta uma operacionalização possível para uma reportagem de jornalismo de soluções, que envolve aspectos ligados às características apresentadas pela SNJ, como uma reportagem incluir as causas de um problema social, mas ser enquadrada de forma a dar mais peso a uma resposta ao problema, além do fato de que é necessário trazer uma resposta tangível, com aspectos sobre sua implementação e limitações. Ainda, os autores defendem que é necessário incluir informações que gerem mobilização do público, de modo a apoiar a mudança na sociedade (McIntyre e Lough, 2019).

Além de Karen McIntyre e Kyser Lough, as autoras Nicole Smith Dahmen e Kathryn Thier também se destacam em relação à quantidade bibliográfica e trabalham com uma linha mista de investigação, seja na análise visual do jornalismo de soluções, sua relação com o jornalismo investigação, questões ligadas à confiança do público e estudos ligados à audiência.

Em uma análise das referências bibliográficas dos 44 artigos localizados permite visualizar que Karen McIntyre foi citada em 33 deles, ou seja, em 75% dos artigos tinham a autora como uma de suas referências. Um adendo a esse levantamento bibliográfico permitiu visualizar também outros autores e obras fora do tempo delimitado de seleção neste artigo (2018-2023), que aparentam ter relevância em termos de citação e bibliografia.

Cathrine Gyldenstend foi citada 28 vezes, seja por meio do seu livro escrito em 2015, ou do seu trabalho com McIntyre, em 2017, que vincula o jornalismo de soluções ao construtivo, em relação ao seu entendimento como uma ramificação. Outros autores também são citados com certa frequência, como

5 No original: “Through in-depth interviews, journalists familiar with solutions journalism offered insights about how to define and measure the practice. These insights reinforced traditional journalistic norms while simultaneously defining the distinct practice of solutions-oriented reporting and applying the norms to how they are carried out in this specific practice. Journalists said solution-oriented stories contribute to a more accurate and balanced media”.

Curry (21 vezes), famoso pela sua obra *“The Power of Solutions Journalism”* (Curry; Hammonds, 2014). Esse artigo é altamente citado e uma das hipóteses se dá pelo fato de ele tratar de um experimento conduzido pela Solutions Journalism Network, com a finalidade de compreender como a audiência se comportava em relação às notícias com base em soluções. Um dos resultados trazidos pelos autores mostrou que o jornalismo de soluções é uma ferramenta potencial de aumentar o envolvimento do leitor.

Nicole Smith Dahmen é citada 18 vezes, por meio de trabalhos relacionados ao jornalismo de soluções aplicadas à fotografia e aspectos imagéticos (até então, a principal análise era com o texto), assim como outros artigos que apresentam uma relação com o jornalismo investigativo.

Benesch (1998) escreveu o primeiro artigo citando o termo “jornalismo de soluções” e foi citada 11 vezes na revisão de literatura. Isso ocorre também com Andrea Wenzel (2016), por meio da obra *“Engaging Communities Through Solutions Journalism”* (Wenzel; Gerson; Moreno, 2016). As pesquisas de Andrea Wenzel são voltadas ao jornalismo comunitário, com propostas de aproximação da comunidade. É interessante ressaltar que apesar da Karen McIntyre ter sido citada em quase 75% dos artigos estrangeiros, no Brasil, ela foi citada somente em um dos dois artigos analisados.

Vertentes defendidas

Por meio do levantamento realizado no estado da arte, foi possível perceber que existem algumas vertentes na busca pelo conceito do que é o jornalismo de soluções. Particularmente, McIntyre e Gyldestend (2017) defendem que o jornalismo de soluções é uma das ramificações do jornalismo construtivo, referenciado e associado em 22 artigos encontrados nesse estado da arte. O restante não relaciona o conceito ao construtivo ou traz diferentes referências, sobretudo, quanto ao entendimento da rede de jornalismo de soluções norte-americana.

A maioria dos profissionais não se preocupa com as diferenças entre os dois termos e tende a usá-los com o mesmo significado. Parece que a distinção é principalmente uma preferência geográfica, onde os europeus tendem para a palavra “construtivo” e os norte-americanos preferem “soluções”, provavelmente porque estes foram os termos escolhidos pelas respectivas organizações que lideram os esforços para promover as abordagens. Os termos podem não ser importantes para muitos jornalistas em atividade, mas para os estudiosos dos conceitos, as diferenças são importantes (McIntyre; Lough, 2023, p.1071, tradução nossa).⁶

Dessa forma, McIntyre e Lough (2023) apontaram que abordar o jornalismo de soluções como sinônimo do construtivo irá trazer confusão, além de dificultar a operacionalização. Neste aspecto, temos três vertentes a serem consideradas: o jornalismo de soluções como uma ramificação do jornalismo construtivo, o jornalismo de soluções como similar e somente jornalismo de soluções, sem uma associação clara ao jornalismo construtivo. Diante dessas três vertentes, os pesquisadores da área encontram-se diante de um problema ligado ao próprio objeto, já que não há uma operacionalização clara sobre o que é ou se ele deriva de um aspecto anterior. O que há em comum em cima dessas pesquisas é a crença de que inserir soluções na cobertura jornalística é positivo para o público.

O questionamento, a partir dos artigos que foram analisados, é a percepção de que a inserção de soluções na cobertura jornalística se dá muito mais por haver uma crença de que isso traz efeitos positivos nos receptores do que por se enquadrar como uma das funções ou responsabilidades do jornalismo. O argumento apresentado diz respeito às notícias as quais têm apresentado um viés de negatividade

6 No original: *“Most practitioners do not bother themselves with the differences between the two terms and tend to use them to mean the same thing. It appears the distinction is mostly a geographical preference, where those in Europe lean toward the word ‘constructive’ and those in the U.S. prefer ‘solutions’, likely because these were the terms chosen by the respective organizations leading the efforts to promote the approaches. The terms may not be important for many working journalists, but for scholars studying the concepts, the differences matter”.*

historicamente e que pesquisas têm apontado uma insatisfação da população no consumo de notícias digitais com esse viés (Reuters, 2022).

O professor Simões (2022, p.23) escreveu o primeiro livro sobre jornalismo de soluções no Brasil, e aponta que “o problema é que, na maioria das vezes, parte-se do princípio de que o negativo vai chamar mais a atenção do consumidor da notícia”. Neste cenário de a mídia exercer um papel histórico de “cão de guarda” e apresentar um viés negativo em sua cobertura, Simões (2022, p.28) defende que o jornalismo de soluções “vai além de apenas reportar acontecimentos que gerem notícias positivas comuns”. Simões (2022) destacou o processo de apuração e pesquisas de dados como ações importantes para sustentar a importância e a eficácia das respostas apresentadas. Há também a escuta de vários atores sociais, com olhares distintos e a apresentação das limitações da resposta apresentada.

Por fim, o autor entende que o jornalismo de soluções “inova ao romper com a lógica, predominante nas rotinas produtivas jornalísticas tradicionais, de destacar problemas sociais e quase ignorar as soluções para as mazelas” (Simões, 2022, p.85). Ou seja, esse tipo de jornalismo propõe uma cobertura que não despreza os problemas sociais, mas que também busca entender quais respostas podem ou poderão ser trabalhadas para uma determinada comunidade ou em um local.

O questionamento apresentado neste artigo é se inserir soluções deveria ser preponderantemente uma ação pensando no bem-estar social (que é defendido pelo jornalismo construtivo, a partir da inserção das técnicas da psicologia positiva), ou se deveríamos refletir a inserção de soluções a partir das finalidades do jornalismo, redução de estereótipos e respeito à pluralidade de vozes. Diante desse questionamento, os dois aspectos tratados a seguir neste estado da arte dizem respeito às temáticas que foram investigadas nos artigos e ao arcabouço teórico, ou seja, o que serve como base para defender o jornalismo de soluções.

Temáticas investigadas nos artigos

As principais temáticas abordadas pelos autores foram observadas e percebemos que somente seis artigos lidam com a operacionalização do conceito, seja no aspecto de sistematizar e discutir a definição ou de apontar as características do jornalismo voltado para soluções. A *Solutions Journalism Network* (SNJ) aponta quatro características para essa cobertura, sendo apresentar uma resposta e seu funcionamento, apresentar as evidências da resposta, trazer um *insight* para as pessoas e por fim, apresentar as limitações da resposta. Com base nisso, 14 artigos citam as características propostas pela Rede, não em um sentido de questioná-las ou de acrescentá-las, mas para verificar sua incidência nas reportagens, conversar com os jornalistas sobre a inserção nas coberturas, ou simplesmente, para citá-las.

Isso leva ao questionamento dos motivos pelos quais essas características foram escolhidas em detrimento de outras e se, de certa forma, as características propostas já não fazem parte do jornalismo considerado tradicional. Por exemplo, trazer evidências de uma questão, apresentar o funcionamento de algo e até o aspecto de trazer *insights*, no sentido de orientar ou chamar a atenção sobre um conteúdo.

Ademais, trazemos o aspecto reflexivo se essas características não se configuram como simplesmente realizar uma cobertura jornalística com qualidade e se não haveria outras características importantes nessa cobertura, como por exemplo, a pluralidade de vozes e o envolvimento com a comunidade, que é discutido, por exemplo, por Wenzel (2016).

De modo geral, 39 artigos se dividem entre dois aspectos predominantes na sua abordagem: 22 tratam de aspectos ligados à produção do jornalismo de soluções, seja por meio da análise de reportagens ou pela entrevista com jornalistas que afirmam trabalhar com esse tipo de conteúdo. Mas, 17 deles trabalham com os efeitos, ou seja, buscam entender se o jornalismo de soluções foi capaz de alterar a percepção dos entrevistados, motivando um comportamento, trazendo uma emoção positiva ou apontando uma mudança social (o que reforça uma aproximação do conceito principal de uma vertente do jornalismo construtivo, em que se aplica técnicas da psicologia positiva, com a finalidade de causar o

bem-estar, ou causar uma emoção positiva). Nesses artigos, há uma justificativa de que o jornalismo de soluções deve ser utilizado para proporcionar melhores sensações ou emoções no público, apesar de que os resultados têm apresentado variação, sobretudo, em termos de engajamento e compartilhamento. Nossa crítica a essa abordagem é o fato de que somente seis artigos tentam abordar uma operacionalização do conceito, que é bastante nebuloso, pois existem, pelo menos, três perspectivas sobre um possível conceito de jornalismo de soluções.

Neste aspecto, como testar os efeitos de algo que ainda está em processo de operacionalização em termos acadêmicos e com características que foram, inicialmente, apresentadas por uma rede de jornalistas? É válido ressaltar que McIntyre e Lough (2019) apresentaram um artigo propondo uma operacionalização das características, que se mantém a partir do que foi apresentado inicialmente pela Rede, sem acrescentar novas características.

Dos 44 artigos analisados, somente quatro apresentaram alguma crítica ao jornalismo de soluções, relacionando-o a partir dos discursos de marketing e de mercado. Um deles, fez a análise da inserção do jornalismo de soluções nas redações francesas.

Embora não comparemos o jornalismo de soluções na França com sua prática nos Estados Unidos, podemos notar que o jornalismo de soluções se encaixa com as visões de longa data da Imprensa regional francesa como um serviço comunitário. Este fato certamente ajudou alguns jornalistas a adotá-lo, em parte porque eles veem o modelo como uma continuação de práticas passadas. Mas, de modo geral, nossa abordagem sugere que os modelos são mais prováveis de serem apropriados quando a autonomia realista é enfraquecida, e seu efeito primário é traduzir as mudanças externas em linguagem jornalística. Isso não é exatamente adoção ou adaptação; ao contrário, é um esforço para reorientar como os jornalistas valorizam seu trabalho. Pode produzir jornalismo que pareça semelhante ou diferente do jornalismo dos EUA, mas ainda assim validará os discursos de marketing (Amiel e Powers, 2019, p.13, tradução nossa).⁷

Outro artigo importante em termos de crítica é de Noha Mellor e An Nguyen (2023). Com o título *“Engaging audiences with local news: can solutions journalism be a solution to local media crisis?”*, o artigo, apesar de defender que é importante inserir soluções na cobertura jornalística, explica que isso não pode ser feito de forma aleatória e sim, com contexto e sem viés mercadológico. Além disso, há uma crítica à ideia de *positividade*, que é discutida no jornalismo construtivo, por exemplo. O estudo indicou que a expectativa do público em relação às notícias locais gira em torno das normas de precisão, objetividade, e um papel de cão de guarda em vez de positividade. Ademais, mostrou que os participantes da pesquisa enfatizaram o valor do jornalismo em fornecer soluções, a partir de um contexto.

Outro aspecto é que somente sete artigos lidam com outras formas de produção no jornalismo, que não sejam o texto em suas diferentes formas (digital ou impresso). Somente cinco artigos abordam a análise de imagens e fotografia no jornalismo de soluções e dois fazem o estudo relacionado à televisão ou vídeos.

Metodologias empregadas

Foi possível perceber também que 15 dos 44 artigos (34,09%) lidam com mais de uma metodologia para atingir os seus objetivos. Em um detalhamento, percebe-se quatro metodologias de

⁷ No original: *“While we do not contrast solutions journalism in France with its practice in the United States, we can note that solutions journalism fits with long-held views of the French regional press as a community service. This fact certainly helped some journalists embrace it, partly because they see the model as a continuation of past practices. More broadly, our approach suggests that models are more likely to be appropriated when journalistic autonomy is weakened, and their primary effect is to translate external changes into journalistic language. This is not precisely adoption or adaptation; rather, it is an effort to reorient how journalists value their work. It may produce journalism that looks similar or dissimilar to US journalism, but will nonetheless validate marketing discourses”*.

forma predominante: aplicação de pesquisa online e/ou experimento online (40,9%), entrevista em profundidade ou semiestruturada (29,5%), pesquisa bibliográfica e/ou análise de literatura sobre o tema (11,3%) e análise de conteúdo (18,1%). Geralmente, o experimento online ou aplicação de questionário foi acompanhado de entrevista com alguns participantes.

Em relação à metodologia predominante, que foi a aplicação de pesquisa online e/ou experimento online (40,9%), foi possível identificar dois elementos distintos: o primeiro diz respeito à aplicação de formulários online com uma amostra da sociedade (sobretudo, universitários) e seu entendimento acerca de um tema ligado a uma determinada notícia. Já em um segundo momento, alguns pesquisadores realizaram experimentos, com simulações de notícias que traziam um aspecto negativo e outras mostravam soluções para um determinado problema em sua abordagem. Essa era uma forma de testar a percepção dos participantes sobre um assunto e o impacto que notícias baseadas em jornalismo de soluções tinham sobre os participantes.

Nota-se também que os pesquisadores, por meio das entrevistas, buscaram compreender o jornalismo de soluções a partir da percepção dos jornalistas que afirmam trabalhar com o tema para entender o assunto em termos de operacionalização do conceito e a aplicação das quatro características propostas pela rede. Outras metodologias estiveram presentes em menor número como é o caso do grupo focal (01), ensaio (01), análise de reportagem (seleção, tratamento e análise) (01), análise crítica e/ou metafórica (02), pesquisa-ação (01), estudo de caso (01), dentre outras.

Arcabouço teórico

Durante a análise dos artigos, foi possível perceber que os autores utilizaram alguns teóricos na tentativa de validar a importância de inserir soluções na cobertura jornalística. De forma predominante, visualizamos a Teoria da psicologia positiva (19), a Teoria do enquadramento proposta do Entman (1993) (6), a Teoria da responsabilidade social (4) e teorias ligadas à prática e papéis normativos do jornalismo, seja em suas funções sociais ou na figura de *watchdog* (14). Vale a pena destacar também seis artigos que lidam com um aspecto de jornalismo local ou comunitário, defendendo que o jornalismo de soluções é uma das formas do jornalismo se aproximar da sociedade. Inclusive, um desses artigos (Wenzel, 2021) faz uma crítica à objetividade jornalística, afirmando que é por conta dela que há um reforço da supremacia branca, com a hegemonia de fontes masculinas e brancas, assim como um distanciamento da comunidade.

Vale a pena destacar também que outras teorias da psicologia são citadas em alguns artigos, como a Teoria da Construção (CLT), ligada à área do marketing. Dois artigos abordaram também aspectos ligados à desinformação, pós-verdade e pós-modernismo. Um dos artigos abordou o conceito de habitus de Bourdieu e do enquadramento realizando uma abordagem bourdieusiana, análise de campo e análise de frames de mídia (Benson, 2013; Benson e Saguy, 2005; Broadbent et al., 2016; Champagne; Marchetti, 2005; Saguy et al., 2010; Soneto, 2010).

É importante ressaltar também que alguns artigos apontam mais de um referencial, podendo ter uma mescla entre práticas jornalísticas e a psicologia positiva. Falando de modo específico sobre a psicologia positiva, alguns autores da área são citados nos textos (Veitch et al., 1977; Seligman, 1997) e isso é utilizado como um embasamento para o que propõe o jornalismo construtivo (Gyldensted, 2011; 2015; McIntyre e Gyldensted, 2017, Baden et al., 2019). A psicologia positiva seria voltada, portanto, para uma ação de evocar emoções positivas nas pessoas e alguns jornalistas acreditam que se apropriar dessas características seria importante para a cobertura. Com isso, existe a proposta desde as notícias as quais evocam emoções positivas, até aquelas que apontem soluções a problemas sociais.

Já a teoria da responsabilidade social esteve presente em quatro artigos e tem sido discutido, sobretudo, a partir de 1947, na Comissão Hutchins, que lida, por exemplo, com aspectos do jornalismo a serviço do bem-estar social (Christians e Nordenstreng, 2004; McIntyre e Sobel, 2017). Hautakangas

e Ahva (2018) embasam seu artigo sobre jornalismo construtivo/soluções a partir da responsabilidade social e apontam que é necessário repensar o social do jornalismo, em meio às mudanças presentes na sociedade.

Sobre as práticas jornalísticas e suas funções, há uma apresentação de autores que apontam aspectos de funcionalidade jornalística, objetividade, o papel de cão de guarda e o viés da negatividade das notícias. Isso serve como base para se fazer um questionamento posterior, buscando compreender se o jornalismo também não teria outras funções e criticando o viés somente negativo das notícias. Além disso, Harcup e O'Neill (2017) entendem que os jornalistas e editores costumam colocar em primeiro plano as informações que sejam mais alarmantes e que os jornalistas são treinados, a partir de um entendimento de que notícias ruins ou conflituosas são notícia. Apesar disso, Nelson (2016) traz algumas reflexões de autores, os quais apontam que o jornalismo pode ser utilizado como uma ferramenta que estimula mudanças positivas. Ou seja, esse é um viés que questiona as práticas jornalísticas e estimulam os pesquisadores a repensarem a funcionalidade da profissão.

Sobre a teoria do enquadramento, Entman (1993) é o principal autor referenciado, sobretudo, ao apontar em sua obra que existe a seleção de elementos dentro de uma narrativa que a torna mais saliente/atraente para o público. Ademais, o autor aponta que o enquadramento pode desempenhar quatro funções: definir problemas, diagnosticar as causas, transmitir os julgamentos morais e oferecer soluções potenciais.

A função de apontar as soluções em potencial para uma determinada questão é um critério apontado por Entman na teoria do enquadramento utilizado por alguns autores (Mindberry et al., 2022). No contexto brasileiro, um dos artigos relaciona o jornalismo de soluções aos valores-notícia, apontando que os “jornalistas seguem rotinas de produção, conforme critérios de noticiabilidade e valores-notícia, por meio de regras, explícitas e/ou implícitas, de políticas editoriais e modelos de negócio (Breed, 1955; Erbolato, 2008; Tuchman, 1978) das empresas para as quais trabalham” (Jonhsson; Freitas, 2022, p.417).

A partir disso, as autoras brasileiras realizaram uma investigação de reportagens do *The Guardian* a partir do jornalismo de soluções e entendem que ele pode “contribuir para a desconstrução de práticas tradicionais de noticiabilidade e valores-notícia que privilegiam agendas e discursos hegemônicos. É uma escolha ancorada em um modelo de negócio diferenciado, princípios democráticos e independência editorial” (2022, p.433). Neste artigo não há uma abordagem que relacione o jornalismo de soluções ao jornalismo construtivo.

Por outro lado, o segundo artigo, aponta aspectos da psicologia positiva, já que parte do viés do jornalismo construtivo e faz algumas críticas ao jornalismo considerado tradicional.

É um mundo materialista, cuja realidade se reduz, em última instância, às instâncias materiais, concretamente físicas da existência. Daí a crença, no jornalismo, de que para haver notícia, tem que haver fatos. É um mundo fragmentado, dividido em áreas de especialização. Daí as editorias, nas redações convencionais. É um mundo simples, linear, lógico, tendendo à condição estática. Daí, no jornalismo, o foco na atualidade, esse corte brutal e cego no tempo, reduzindo-o a uma parcela diminuta do seu escopo e não percebendo muito bem o dinamismo de longo prazo nos acontecimentos, que faz as ocorrências que eclodem no tecido social despontarem de súbito, aparentemente, despertando o interesse de cobertura da mídia. É um mundo inspirado numa visão mecânica das coisas [...] (Lima, 2018, p.882).

Neste sentido, o autor aponta que o jornalismo traz uma visão simplista das coisas e defende o jornalismo literário, como um elemento que agregaria maior compreensão e entendimento da realidade. “Não basta constatar fatos. Precisa-se contextualizar e iluminar ao máximo o entendimento amplo das histórias – e seus temas correlacionados – contempladas em narrativas. A abordagem precisa ser fenomenológica, sistêmica, holística, integrada” (Lima, 2018, p.882). A partir disso, o autor busca, a partir do jornalismo construtivo, trazer uma relação do que é considerado como jornalismo literário, sem o aprofundamento acerca do jornalismo de soluções.

Considerações finais

O estado da arte sobre jornalismo de soluções permitiu visualizar uma bibliografia predominante norte-americana e europeia, partindo de algumas problemáticas quanto à operacionalização do conceito. Somente dois artigos foram localizados com autores brasileiros. Ocorre um misto de definições: existem alguns artigos norte-americanos que se focam em definições apresentadas pela SNJ (sem ligação acadêmica), enquanto outros relacionam o conceito com o jornalismo construtivo, predominante nos artigos europeus. Esta problemática não está resolvida, já que alguns autores apresentam os termos como sinônimos e outros, como uma ramificação do jornalismo construtivo. Em alguns casos, o termo jornalismo de soluções parece dissociado do jornalismo construtivo.

Isso traz algumas reflexões sobre a necessidade da operacionalização do conceito, o que só ocorreu em seis artigos, sem trazer uma ideia fechada/oficial sobre o termo. Apesar disso, o termo *constructive journalism* esteve presente nas palavras-chaves de 40,9% dos artigos, reforçando a força dessa relação. Alguns motivos podem justificar esse dado, inclusive, a verificação de quem elabora a bibliografia sobre o tema, já que a autora Karen McIntyre produziu 1/4 dos artigos encontrados e defende o jornalismo de soluções como uma ramificação do construtivo. Além disso, a pesquisadora foi altamente referenciada em outros artigos. Ademais, a ideia de evocar emoções positivas, que é derivada da psicologia positiva de Seligman (2000), reflete-se em aspectos metodológicos, ligados à necessidade de investigar o efeito de notícias com soluções em amostras do público (38,6%).

Porém, é interessante ressaltar que 50% dos artigos também buscaram identificar os aspectos produtivos dentro das redações, seja por meio do contato com os editores ou com jornalistas. Isso é importante para reforçar a hipótese, que carece de investigação, de que o jornalismo de soluções pode ser visto como uma prática ou ferramenta que pode (ou não) ser empregada dentro das redações.

O reflexo da relação entre jornalismo construtivo e de soluções também se dispõe a partir do arcabouço teórico, que serviu para embasar a elaboração dos artigos. Mas, vale destacar que apesar da Teoria da psicologia positiva aparecer em 19 artigos, em nenhum deles há o aprofundamento da teoria, assim como o motivo pelo qual as técnicas da psicologia positiva foram apropriadas quando falamos acerca do jornalismo de soluções. Aparentemente, outras teorias parecem ter maior relação quando se defende a inserção de soluções ou alternativas aos problemas sociais na cobertura jornalística, dentre elas, a Teoria do enquadramento proposta do Entman (1993), que está presente em seis artigos, a Teoria da responsabilidade social e as teorias ligadas à prática e papéis normativos do jornalismo.

Dessa forma, o que se conclui desse estado da arte diz respeito à necessidade de operacionalizar o termo, identificando o que é o jornalismo de soluções e como ele pode e tem sido praticado, inclusive, trazendo uma aproximação com a realidade brasileira, que até o momento, tem sido pouco explorada.

Referências Bibliográficas

- AITAMURTO, Tanja; VARMA, Anita Varma. **The Constructive Role of Journalism**. *Journalism Practice*, v. 12, n. 6, 2018.
- AMIEL, Pauline; POWERS, Matthew. A Trojan Horse for marketing? Solutions journalism in the French regional press. **European Journal of Communication**, v. 34, n. 3, p. 233-247, 2019.
- BANSAL, Sarika; MARTIN, Courtney. Solutions journalism toolkit. **New York: Solutions Journalism Network**, 2015.
- BENESCH, Susan. **The rise of solutions journalism**. *Columbia Journalism Review*, v. 36, n. 6, 1998.
- BRO, Peter. **Constructive journalism: Proponents, precedents, and principles**. *Journalism*, v. 20, n. 4, 2018.

- CURRY, Alexander L.; HAMMONDS, Keith H. The power of solutions journalism. **Solutions Journalism Network**, v. 7, p. 1-14, 2014.
- ENTMAN, Robert. **Framing: Toward clarification of a fractured paradigm**. *Journal of Communication*, v. 43, n.4, 1993.
- FARIAS, Camila. **A pauta da seca na TV Sergipe: uma análise da cobertura jornalística à luz do jornalismo de soluções**. Dissertação defendida na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM). São Cristóvão (SE). 2022.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & sociedade**, v. 23, p. 257-272, 2002.
- GYLDENSTED, Cathrine. **Innovating news journalism through positive psychology**. Unpublished master's thesis. University of Pennsylvania, Philadelphia, 2011.
- GYLDENSTED, Cathrine. **From Mirrors to Movers: Five Elements of Positive Psychology in Constructive Journalism**. Charleston, SC: Group Publishing, 2015
- HAAGERUP, Ulrik. **Constructive News: How to Save the Media and Democracy with Journalism of Tomorrow**. Aarhus University Press, 2014.
- HARCUP, Tony; O'NEILL, Deirdre. O que são notícias? **Journalism Studies**, v. 18, n. 12, 2017.
- HAUTAKANGAS, Mikko; AHVA, Laura. Introducing a New Form of Socially Responsible Journalism. **Journalism Practice**, v.12, n.6, 2018.
- JOHNSON, Telma; FREITAS, Franciane. Jornalismo de soluções como estratégia de política editorial na multiplataforma do bicentenário The Guardian. **Revista Eco-Pós**, v. 25, n. 1, p. 413 - 436. 2022.
- LASSWELL, Harold D. The structure and function of communication in society. **The communication of ideas**, v. 37, n. 1, p. 136-139, 1960.
- LIMA, Edvaldo. Jornalismo Literário e Comunicação Transformadora: Proposta para o Alinhamento da Nova Disciplina com a Tendência Crescente de uma Prática Comunicativa Transformadora no Desenvolvimento Social e Humano. **Pesquisa em Jornalismo Brasileiro**, v.14, n. 3, p. 840-861. 2018.
- MCINTYRE, Karen. **Constructive journalism: The effects of positive emotions and solution information in news stories** (Unpublished doctoral dissertation). The University of North Carolina at Chapel Hill. Chapel Hill, NC. 2015.
- MCINTYRE, Karen; GYLDENSTED, Catherine. View of Constructive Journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production. **The Journal of Media Innovations**, v. 4, n. 2. 2017.
- MCINTYRE, Karen; DAHMEN, Nicole Smith; ABDENOUR, Jesse. The contextualist function: US newspaper journalists value social responsibility. **Journalism**, v. 19, n. 12, p. 1657-1675, 2016.
- MCINTYRE, Karen Elizabeth; LOUGH, Kyser. Toward a clearer conceptualization and operationalization of solutions journalism. **Journalism**, v. 22, n. 6, p. 1558-1573, 2019.
- LOUGH, Kyser; MCINTYRE, Karen. A systematic review of constructive and solutions journalism research. **Journalism**, v. 24, n. 5, p. 1069-1088, 2023.
- MELLOR, Noha; NGUYEN, An. Engaging Audiences with Local News: Can Solutions Journalism Be a Solution to Local Media Crisis? **International Journal of Communication**, v. 17, 2023.
- MERRITT, Davis. Jornalismo público e vida pública. **Revisão Cívica Nacional**, v.84, n. 3, p. 262-266. 1995.
- REUTERS INSTITUTE. **Digital News Report**. 2022. Acesso: 04 mar. 2023. Disponível em: <https://>

reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-06/Digital_News-Report_2022.pdf.

WENZEL, Andrea; GERSON, Daniela; MORENO, Evelyn. **Engaging communities through solutions journalism**. New York: Columbia Journalism School, 2016.

WENZEL, Andrea. Reimagining Local Journalism: A Community-centered Intervention. **Journalism Studies**, v. 22,n.15. 2021.

SELIGMAN, Martin; CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Positive Psychology, an introduction. **American Psychologist**. v.55, n.1, 2000.

SIMÕES, Antonio. **Jornalismo de soluções**. Curitiba: Editora Appris Ltda, 2022.

THIER, Kathryn. Opportunities and challenges for initial implementation of solutions journalism coursework. **Journalism & Mass Communication Educator**, v. 71, n. 3, p. 329-343, 2016.